



SIMÕES DE ASSIS



SIMÕES DE ASSIS

Thiago Rocha Pitta

O Suplício de Cabral

The Torment of Cabral

11 de agosto a 24 de setembro 2022
august 11 to september 24 2022

São Paulo
rua sarandi 113a
01414-010 sp brasil
+55 11 3063-3394

O Suplício de Cabral

“O Suplício de Cabral” é uma alegoria sobre o processo de destruição em curso no Brasil desde a chegada dos portugueses. Também é possível entender a mostra partir de uma perspectiva menos localizada e, numa vasta escala de tempo, e compreender que a destruição da Terra está em curso desde que o ser humano resolveu agir de forma predatória sobre o próprio espaço que habita. Vivemos sob a égide do Antropoceno, a destruição é agora, mediada conscientemente pela dimensão dos excessos provocados pelo sujeito. Fabulando a partir da chegada das naus portuguesas, Thiago Rocha Pitta utiliza-se do passado para falar do presente, ao mesmo tempo que o reconstrói, como uma maneira de refletir sobre o presente e especular sobre o futuro. Para o artista, “O Suplício de Cabral” “é uma ficção histórica construída a partir de uma realidade objetiva: o nosso colapso ambiental”.

A exposição acontece no momento do bicentenário da independência e em ano eleitoral. Diante desse contexto, as aquarelas da mostra se voltam como um turbilhão para o que se tornou o Brasil a partir de 1500: um território construído sob um registro de violência sistêmica. Essa reescrita que Rocha Pitta propõe parte de uma perspectiva da Terra, traduzida pelos indígenas e os animais, que se colocam como porta-vozes. O díptico “Cabo da Roca, 9 de março de 1500, faz-se ao Mar a Armada de Cabral” revela-se como um prefácio da mostra. É no Cabo da Roca que se encontra a lápide com a icônica frase de Camões: “Aqui... Onde a terra se acaba e o mar começa...”. A pedra que parece levitar sobre o oceano revela algo fantasmagórico. A atmosfera de caos e o prenúncio de morte também são aparentes no céu matizado entre um azul forte e nuances de cinza, como se uma tempestade estivesse por vir, apontando para uma jornada não tão prazenteira. Há, sem dúvida, uma vibração funesta, pouco a pouco o clima se torna sombrio e taciturno.

O artista desenvolveu as aquarelas em uma estrutura fílmica, como um storyboard do cinema – a ideia de uma produção seriada evidenciando quadros ou fotogramas que, reunidos, estabelecem uma ordem narrativa. Outra característica que acentua a ideia de uma sequência é o fato de que a trama é dividida em “capítulos”, como séries dentro da história. Somos apresentados a “Prenúncio”, “A Travessia”, “Um Mal Entendido”, “O Pesadelo da Terra”, “O Conselho Terrano”, “O Baptismo” e, o epílogo, “O Suplício de Cabral”.

Propositadamente, as aquarelas possuem uma beleza intrínseca, evidenciando o esplendor da natureza: o céu, o mar e sua imensidão sublime. Belo e abundante em recursos naturais era o Brasil antes dos portugueses, cuja chegada invasiva é anunciada em “O Monte Pascoal avista a armada de Cabral”. O Monte é quem observa a armada no horizonte. Nessa inversão de perspectiva, a visão se dá da terra em direção ao mar, os observados são os invasores.

Com a chegada na praia, é travado um contato amistoso entre indígenas, grumetes e degredados. Depois, todos pernoitam em terra firme, exceto os oficiais. Ainda naquela noite, surgem os pesadelos. Paisagens e tempos se aproximam e se misturam, exibindo um repertório de violência e extrativismo históricos no Brasil. Um país calcado na perda. É o “O Pesadelo da Terra”: a água sonha a seca; a planta, o fogo; a terra colapsa; o céu cai; a onça vira só pele. A mata sonha pasto, eucalipto e vacas. O conjunto se coloca não só como evidência de uma série de extrações continuadas contra a natureza, mas também como uma espécie de chamamento, de revolta contra aqueles que atentam contra seu estado.

As aquarelas dessa sub-série explicitam dramas contemporâneos: não só o quanto a terra foi e continua sendo explorada, mas como o resultado dessa ação se volta contra nós mesmos. Aumento da temperatura, degelo, destruição da camada de ozônio, tempestades de areia, desertificação são resultados da ação exploratória do homem. Os pesadelos sonhados na trama de “O Suplício de Cabral” são os acontecimentos vividos nos dias de hoje.

O tom ficcional se dá, então, na forma de um levante dos indígenas, grumetes e da natureza contra as naus. Os grumetes logo aprendem a se comunicar com os indígenas e os auxiliam na revolta. A trama avança quando os invasores são enfeitizados à véspera da partida. Enquanto estão dormindo, as caravelas são incendiadas. As poucas que escapam ao ataque são abatidas por baleias e outros seres marinhos.

Esse é o suplício de Cabral. Uma forma de reescrever a História a contrapelo, agora pela visão de quem foi atacado, saqueado, morto, estuprado. As aquarelas apontam que é a partir da chegada dos portugueses que outra condição acompanharia a História do Brasil: viveríamos constantemente sob o signo da destruição, do temor, da violência, de continuamente ter que se refazer diante de uma política predatória. Sobre esse último ponto, não é à toa que o signo da fúria atravessa as aquarelas. Há algo heroico nessa narrativa de uma natureza que abate o inimigo. A fábula da revolta dos indígenas e dos animais contra a armada portuguesa é, também, uma alegoria sobre o histórico de lutas que atravessa a memória brasileira. A história desse país se faz mediante uma opressão histórica de uma elite contra comunidades subalternizadas, mas que também respondem, a seu tempo, contra essas injustiças.



O Suplício de Cabral (The Torment of Cabral)

"O Suplício de Cabral" (The Torment of Cabral) is an allegory about the destruction process that is ongoing in Brazil since the arrival of the Portuguese. But one can also see the exhibition from a perspective that is less specific. In a vast scale of time, one understands that the destruction of the Earth has been in ongoing since humans decided to act in a predatory manner within the space they inhabit. We live under the aegis of the Anthropocene, the destruction is now, consciously mediated by the excesses provoked by people. Fantasizing from the arrival of the Portuguese ships onwards, Thiago Rocha Pitta uses the past to address the present, while also reconstructing it as a way of reflecting on the present and speculating about the future. According to the artist, "O Suplício de Cabral" "is a historical fiction, elaborated from an objective reality: our environmental collapse".

The exhibition coincides with the bicentennial of the country's independence, and also with the federal electoral year. In the face of these events, the watercolors in the show turn, as a whirlwind, to what Brazil has become since 1500: a territory built under systemic violence. This re-writing proposed by Rocha Pitta takes on the perspective of the Earth, represented by natives and animals, who become its advocates. The diptych "Cabo da Roca, 9 de março de 1500, faz-se ao Mar a Armada de Cabral" (Cape Roca, March 9, 1500; Cabral's fleet sets sail) performs as a kind of preface to the show. The Cape Roca is where one finds the tombstone with the iconic quote by Camões: "Aqui... Onde a terra se acaba e o mar começa..." (Here... where the earth ends and the sea begins...). The rock, which seems to levitate over the ocean, reveals something phantasmagorical. The chaotic atmosphere and the forewarning of death are also apparent in the sky, which is painted in strong blues and shades of grey, as if a storm was about to hit, announcing a not so pleasant journey. There is, without a doubt, a grim vibration and, little by little, the air becomes somber and taciturn.

The artist developed this series of watercolors within a filmic structure, as if it were the storyboard for a movie – a serialized production of frames that, together, establish a narrative order. Another characteristic that emphasizes the idea of a sequence is the fact that the plot is divided in chapters, like sub-series inside the story. We are presented with the "O Prenúncio" (The Forewarning), "A Travessia" (The Journey), "Um Mal entendido" (A Misunderstanding), "O Pesadelo da Terra" (The Nightmare of the Earth), "O Conselho Terrano" (The Council of the Earth), "O Baptismo" (The Baptism) and the epilogue, "O Suplício de Cabral" (The Torment of Cabral).

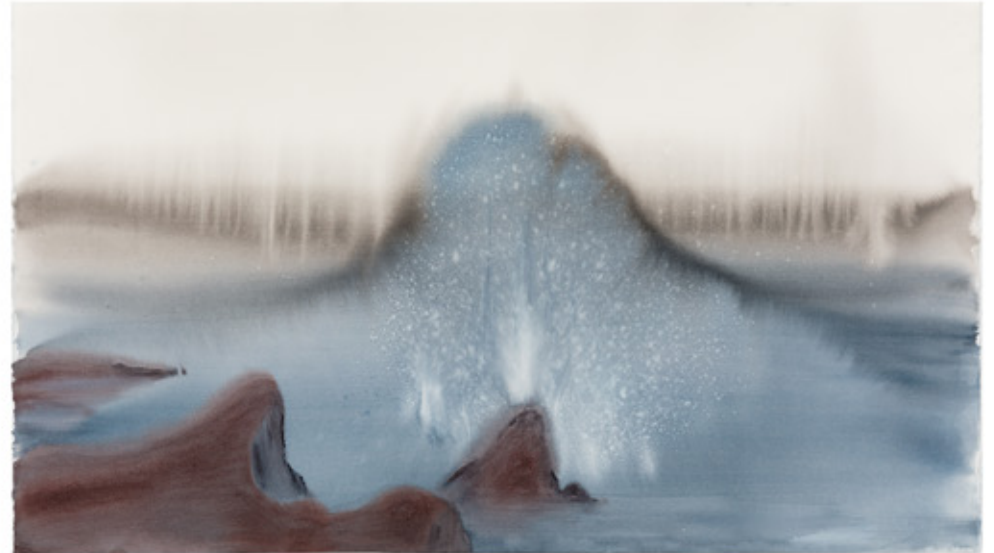
These works are deliberately and intrinsically beautiful, underlining nature's splendor: the sky, the sea, and their sublime immensity. Brazil was gorgeous and abundant in natural resources before the Portuguese came, and their invasive arrival is announced in "O Monte Pascoal avista a armada de Cabral" (Pascoal Mount sees Cabral's fleet).

The Mount is who observes the fleet in the horizon. In this inverted perspective, the view is directed from the land to the sea, the invaders are the ones being observed. With the arrival on the beach, a friendly contact is established between natives, cabin boys and the exiled convicts. Then, they sleep in firm land, except for the officers. On that very night, the nightmares begin. Landscapes and times come and mesh together, revealing a repertoire of historical violence and extractivism in Brazil: a country founded on loss. It is "O Pesadelo da Terra" (The Nightmare of the Earth): the water dreams of drought; plants, of fire; the earth collapses; the sky falls; painted leopards become only fur. Forests dream of pastures, eucalyptus trees and cows. The ensemble isn't only evidence of a series of continuous extractions against nature, but also of a kind of call to revolt against those who threaten its state.

The exhibition evinces our contemporary dramas: not only how much the Earth has been and continues to be explored, but also how the results of these actions eventually turn against us. The temperatures rise, the ice melts, the ozone layer is destroyed, sandstorms hit, desertification processes are in course: all the result of humanity's exploitative actions. The nightmares dreamt in the plot of "O Suplício de Cabral" are events that we experience everyday.

The fictional dimension, however, resides in the revolt of the natives, cabin boys, and nature itself, against the ships. The cabin boys soon learn to communicate with the natives, helping them with the uprising. The plot thickens when the invaders are bewitched on the eve of their departure. While they sleep, the ships are burnt. The few vessels that manage to escape the attack are sunk by whales and other maritime beings.

This is the torment of Cabral: a way of rewriting History against the grain, now from the perspective of those who were attacked, robbed, killed, raped. The watercolors indicate that it's from the arrival of the Portuguese onwards that another condition would guide Brazil's History: we would constantly live under sings of destruction, fear and violence, having to continuously reinvent ourselves in the face of predatory policies. Regarding this last point, it is not by chance that that the sign of fury cuts across all the works. There's something heroic in this narrative about nature taking down the enemy. The tale of an uprising of natives and of animals against the Portuguese fleet is, too, an allegory about the history of struggles that marks Brazil's memory. This country's history was built on the historical oppression of an elite against subordinated communities – who also, in time, respond in kind to these injustices.



Cabo da Roca, 9 de março de 1500, faz-se
ao mar a armada de Cabral, Fim da Europa
"Aqui... Onde a Terra se acaba e o Mar começa..."
(Camões), 2022

aquarela sobre papel

díptico, 65 x 113 cm | 74,5 x 122 x 4,3 cm (c/moldura) cada

watercolor on paper

diptych, 25 ¹⁹/₃₂ x 44 ³¹/₆₄ in | 29 ¹/₃ x 48 x 1 ⁵/₇ in (with frame) each





Seascape



Tropical Beach



Seascape



Field of Grasses





20 de abril de 1500, o Monte Pascoal avista a armada de Cabral, 2022

aquarela sobre papel

65 x 113 cm | 74,5 x 122 x 4,3 cm (c/moldura)

watercolor on paper

25 ¹⁹/₃₂ x 44 ³¹/₆₄ in | 29 ¹/₃ x 48 x 1 ⁵/₇ in (with frame)



O primeiro contato; curiosos nativos esperam na praia o desembarque dos grumetes e degredados, na caravela um indígena vomita a água que lhe é ofertada, 2022

aquarela sobre papel

65 x 113 cm | 74,5 x 122 x 4,3 cm (c/moldura)

watercolor on paper

25 ¹⁹/₃₂ x 44 ³¹/₆₄ in | 29 ¹/₃ x 48 x 1 ⁵/₇ in (with frame)





O Pesadelo da Terra; gótica baía, 2022

aquarela sobre papel

65 x 113 cm | 74,5 x 122 x 4,3 cm (c/moldura)

watercolor on paper

25 ¹⁹/₃₂ x 44 ³¹/₆₄ in | 29 ¹/₃ x 48 x 1 ⁵/₇ in (with frame)



© Riccardo Di Tomo, 2014





O Pesadelo da Terra; garimpo, 2022

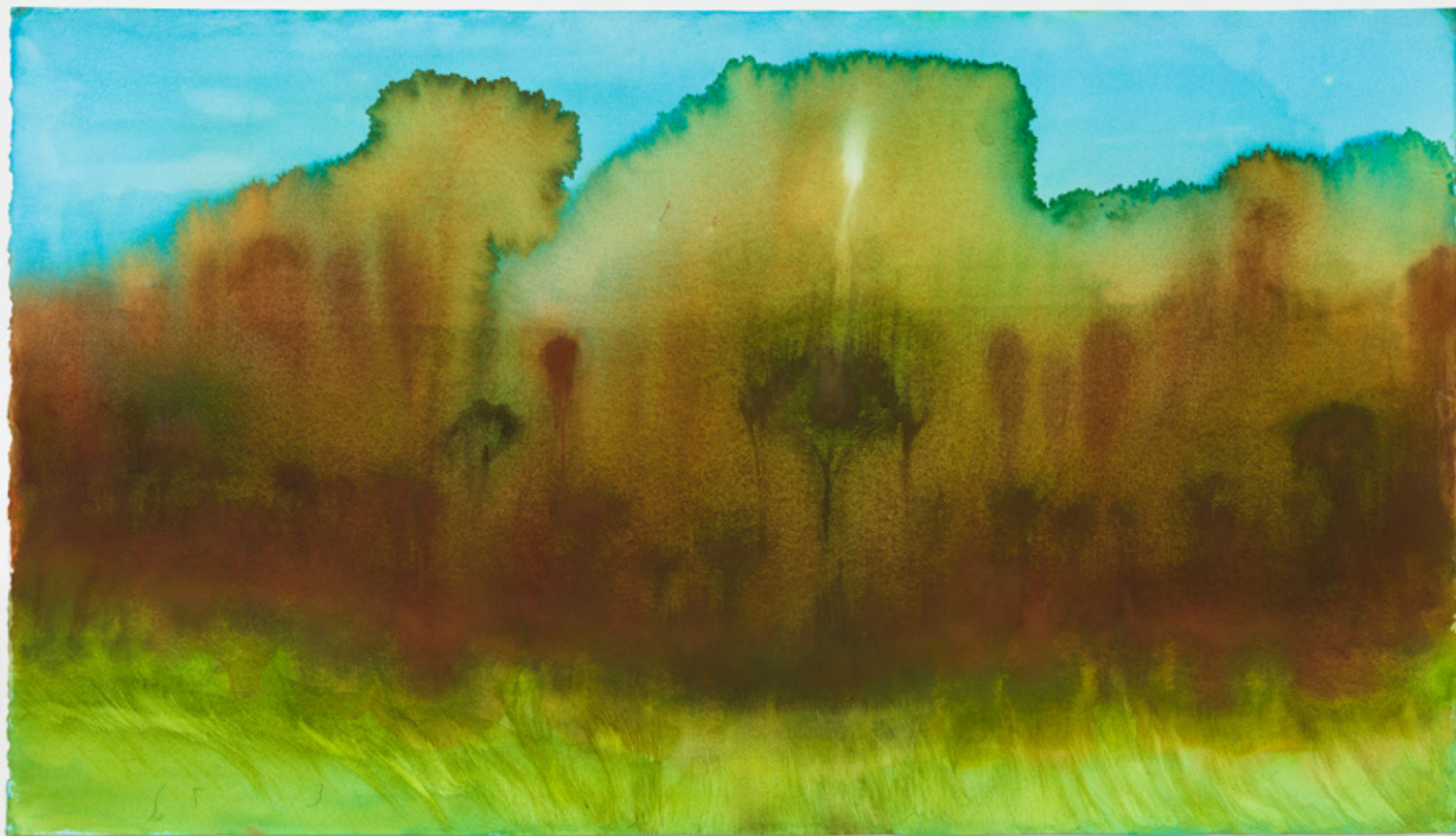
aquarela sobre papel

65 x 113 cm | 74,5 x 122 x 4,3 cm (c/moldura)

watercolor on paper

25 ¹⁹/₃₂ x 44 ³¹/₆₄ in | 29 ¹/₃ x 48 x 1 ⁵/₇ in (with frame)





O Pesadelo da Terra; tempestade de areia, 2022
aquarela sobre papel
65 x 113 cm | 74,5 x 122 x 4,3 cm (c/moldura)
watercolor on paper
25 ¹⁹/₃₂ x 44 ³¹/₆₄ in | 29 ¹/₃ x 48 x 1 ⁵/₇ in (with frame)



O Pesadelo da Terra; o domínio do Gado, 2022

aquarela sobre papel

65 x 113 cm | 74,5 x 122 x 4,3 cm (c/moldura)

watercolor on paper

25 ¹⁹/₃₂ x 44 ³¹/₆₄ in | 29 ¹/₃ x 48 x 1 ⁵/₇ in (with frame)



O Pesadelo da Terra; desabamento de terra, 2022
aquarela sobre papel
65 x 113 cm | 74,5 x 122 x 4,3 cm (c/moldura)
watercolor on paper
25 ¹⁹/₃₂ x 44 ³¹/₆₄ in | 29 ¹/₃ x 48 x 1 ⁵/₇ in (with frame)





O Passado da Terra descolamento de terra



O Passado da Terra
de um momento de luz



O Passado da Terra
de um momento de luz



O Passado da Terra
de um momento de luz



O Pesadelo da Terra; céu e mar se desintegram em lama, 2022

aquarela sobre papel

65 x 113 cm | 74,5 x 122 x 4,3 cm (c/moldura)

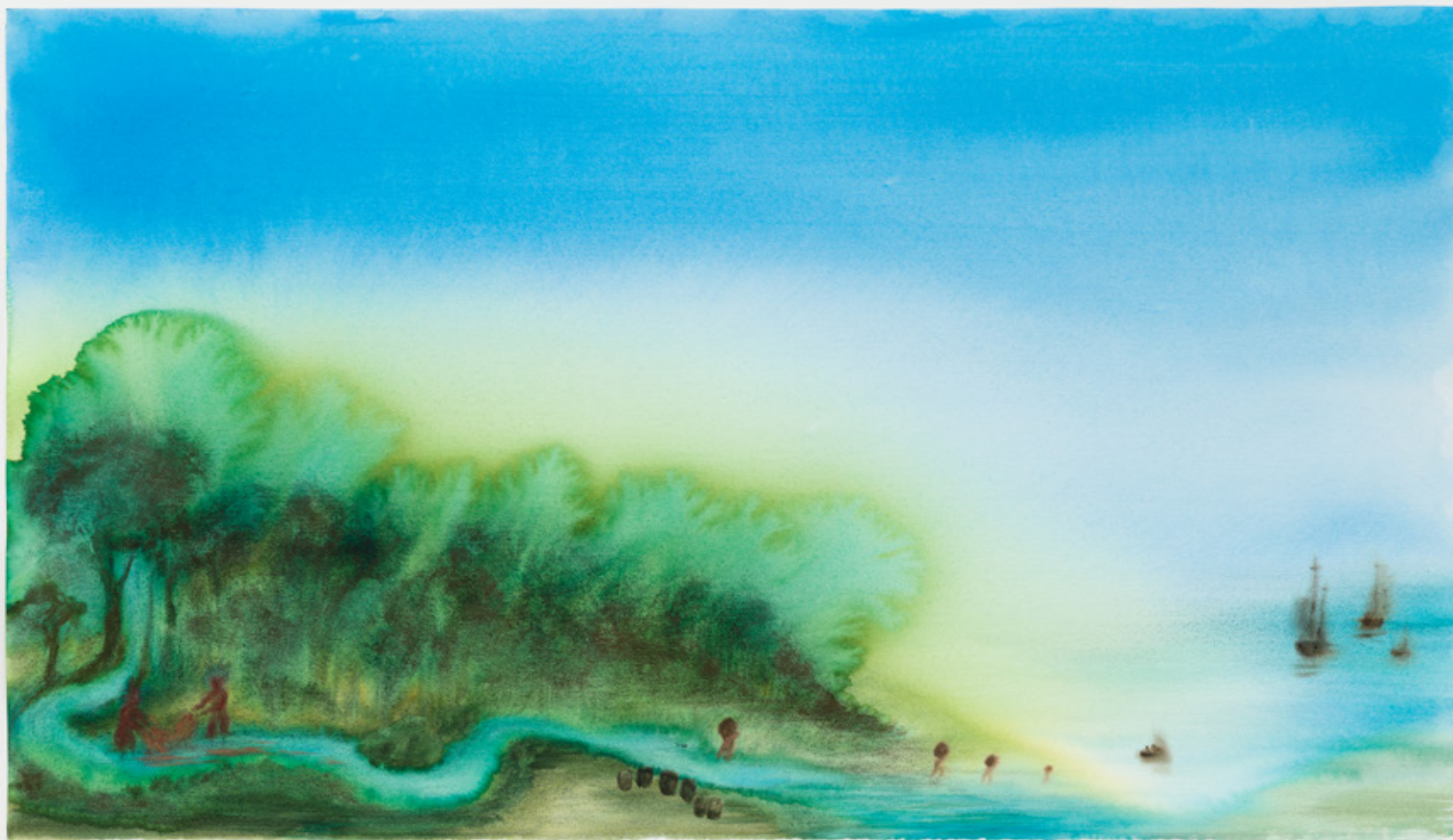
watercolor on paper

25 ¹⁹/₃₂ x 44 ³¹/₆₄ in | 29 ¹/₃ x 48 x 1 ⁵/₇ in (with frame)





O despertar; antes da aurora, plantas,
animais e homens, céu, terra e Mar se reúnem, 2022
aquarela sobre papel
65 x 113 cm | 74,5 x 122 x 4,3 cm (c/moldura)
watercolor on paper
25 ¹⁹/₃₂ x 44 ³¹/₆₄ in | 29 ¹/₃ x 48 x 1 ⁵/₇ in



O Batismo; na véspera da partida, duas feiticeiras encantam as águas do rio,
homens carregam os barris cheios até as naus, 2022

quarela sobre papel

65 x 113 cm | 74,5 x 122 x 4,3 cm (c/moldura)

watercolor on paper

25 ¹⁹/₃₂ x 44 ³¹/₆₄ in | 29 ¹/₃ x 48 x 1 ⁵/₇ in (with frame)



1. Landscape with Sun
oil on canvas, 1980



2. Landscape with Sun
oil on canvas, 1980



3. Landscape with Sun
oil on canvas, 1980



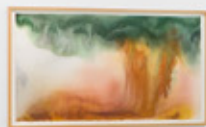
4. Landscape with Sun
oil on canvas, 1980



5. Landscape with Sun
oil on canvas, 1980



2 de maio de 1500. O Suplício de Cabral;
enquanto dormem enfeitiçados pelas águas
encantadas, nativos ateiaram fogo nas naus. FIM, 2022
aquarela sobre papel
díptico, 65 x 113 cm | 74,5 x 122 x 4,3 cm (c/moldura) cada
watercolor on paper
diptych, 25 ¹⁹/₃₂ x 44 ³¹/₆₄ in | 29 ¹/₃ x 48 x 1 ⁵/₇ in (with frame) each





Cetácea vingança; jubartes perseguem naus em fuga,

uma a uma são abatidas, 2022

quarela sobre papel

65 x 113 cm | 74,5 x 122 x 4,3 cm (c/moldura)

watercolor on paper

25 ¹⁹/₃₂ x 44 ³¹/₆₄ in | 29 ¹/₃ x 48 x 1 ⁵/₇ in (with frame)





STEFAN SCHNEIDER
SEA (2010) OIL ON CANVAS
100 x 150 cm



STEFAN SCHNEIDER
SEA (2010) OIL ON CANVAS
100 x 150 cm



O Suplício de Cabral

O Prenúncio

Cabo da Roca, ponto mais ocidental da Europa. Aqui, onde termina a terra e começa o mar (Camões). 8 de março de 1500. Um enorme monolito levita, súbito precipita-se no mar; invisíveis as naus ao fundo.

A Travessia

Na calmaria tropical, o mar plácido oleoso; as velas inertes parecem mármore. Tudo é petrificado.

Os grumetes, Antonio e Gonçalo, sofrem saudades dos sofrimentos vividos à casa; convocados às cabines de popa, sofrem abusos indescritíveis; no porão, lhes consolam os degredados.

Nas orlas ainda não alcançadas, crianças brincam em suas pequenas canoas. As Naus são um inferno para todos que não são oficiais, nobres e padres. À proa, amuam-se marinheiros, grumetes e degredados ainda a degredar-se nos porões. À popa, abusam carnes, abundam licores.

N'aldeia, o ambiente é de comunhão, tudo compartilham, falta não há nem separação.

O vento sopra; sargaços tocam os costados das naus; fragatas e gaivotas flutuam ao céu.

O velho monte vê as naus no horizonte, que ainda nada percebem.

Na costa, um presságio; jubartes escutam o marulho dos cascos.

Um Mal Entendido

Róseas falésias a bombordo prenunciam segura baía; fazem-se ferros.

Os nautas, medrosos dos nativos na praia avistados, enviam grumetes e degredados para contato. Uma canoa aborda a nau, dois nativos são embarcados; oferecem-lhes água d'além mar, que cospem de ojeriza.

Na praia, travam amistoso contato.

Os grumetes logo tornam-se crianças que foram outrora, como e com os curumins brincam na orla.

Os nativos se compadecem do mal estado dos nautas; lhes encaminham ao rio, onde doce água jorra; lhes dão coco, banana e mandioca.

À noite, permanecem os degredados e grumetes; nas naus, os nautas.

No abrigo d'oca se acomodam os estrangeiros; dormem, agasalhados pelo fogo.

O Pesadelo Da Terra

Em terra, e por toda ela, sonham pesadelos.

A água sonha a seca; a planta, o fogo; a terra colapsa; cai o céu; a onça vira só pele; a baleia, óleo; a ave, peito de frango congelado. A mata sonha pasto, eucaliptos e vacas. A morte sonha nas gentes. O passado sonhou hoje.

Em sonho, os grumetes relatam abusos; os degredados crimes dos nautas em África.

Nos intervalos despertos entrenoites, percebe a terra, e toda ela, que os pesadelos são oráculos. Noite após noite, os nautas comportam-se à luz do dia com ganância e, com avareza, sondam a terra, precipitam matas, capturam, molestam. Revelam-se agentes da destruição, que todos os olhos fechados veem.

O Conselho Terrano

À véspera da partida, antes d'aurora, a pedra emite um chamado. Animais, plantas, fungos, o rio; dos céus, os pássaros pousam à porta d'oca. Despertam mulheres e homens da terra. Reunidos, comungam e projetam antecipar a vingança aos crimes.

O Baptismo

No interior da mata, onde o rio brota da terra, feiticeiras e serpentes encantam as águas, enquanto, à jusante, homens carregam barris batizados às naus.

O Suplício

Entorpecidos pelas águas enfeitiçadas, dormem os nautas. Grumetes cúmplices conspirantes, em um bote, abandonam a nau. Na canoa, flechas são acesas e cruzam o céu tal qual meteoros.

Lentamente o fogo consome as naus.

Uma ou outra nau percebem e içam velas; no entanto, jubartes as perseguem; uma a uma, as abatem.

fim

The Torment of Cabral

The Forewarning

Cape Roca, the point furthest west in Europe. Here, where the earth ends and the sea begins (Camões). March 8, 1500. A huge monolith levitates, suddenly dropping down into the sea; invisible ships sail in the background.

The Journey

In the tropical sultriness, the oily peaceful sea; the sails still like marble. Everything is petrified.

The cabin boys, Antonio and Gonçalo, are homesick for the sufferings of home; summoned to the stern cabins, they suffer unspeakable abuses; in the ship's hold, the exiled convicts console them.

In the still unreached seashore, children play with their small canoes.

The ships are infernal for all those who aren't officers, nobles or priests. In the prow, sailors, cabin boys, and exiled convicts who remain exiled in the hold, sulk. In the stern, the flesh is abused, the liquor abounds.

In the village, there's an atmosphere of communion, everything is shared, there's no lacking or separation.

The wind blows; sargassums touch the hull of the ships; frigatebirds and seagulls float in the sky.

The old mount sees the ships on the horizon, which still haven't noticed anything. In the coast, an omen; humpbacks hear the rumble of the hulls.

A Misunderstanding

Rosy cliffs down the port side forecast a safe bay; iron is made.

The naut men, afraid of the natives they saw on the beach, send the cabin boys and exiled convicts to make contact. A canoe approaches the ship, two natives board it; they are offered water from overseas, which they spit out in disgust.

On the beach, they establish friendly contact.

The cabin boys soon turn back to being the children they once were, just as and with the indigenous children that play in the shore.

The natives sympathize with the poor condition of the naut men, showing them to the river, where fresh water streams; they also give them coconuts, bananas and manioc.

At night, the exiled convicts and cabin boys stay back; in the ships, the naut men. In the shelter of the oca¹, the foreigners settle in; they sleep, warmed up by the fire.

The nightmare of the Earth

In the earth, and on it, nightmares are dreamt.

Water dreams of drought; plants, of fire; the earth collapses; the sky falls; painted leopards become only fur; whales, oil; birds, frozen chicken breasts. Forests dream of pastures, eucalyptus trees and cows. Death is dreamt in people. The past dreamt today.

In their dreams, the cabin boys describe abuses; the exiled convicts, the crimes the naut men committed in Africa.

In the awakened intervals in between nights, the earth realizes, and all of it, that nightmares are oracles. Night after night, the naut men behave in broad daylight with greed and, with avarice, they probe the earth, precipitate the forests, capture, molest. They reveal themselves to be agents of destruction, which all closed eyes can see.

The council of the Earth

On the eve of departure, before dawn, the rock emits a calling. Animals, plants, fungi, the river; from the skies, birds land by the entrance of the oca. Men and women of the earth awaken. Assembled, they commune and plan to anticipate revenge for the crimes.

The Baptism

In the heart of the forest, where the river sprouts from the earth, sorceresses and serpents enchant the waters, while, downstream, men carry the bewitched barrels back to the ships.

The Torment

Bewitched by the enchanted waters, the naut men sleep. Secret sharing cabin boys, in a boat, abandon the ship. In the canoe, arrows are lit and tear through the sky like meteors.

Slowly, fire consumes the ships.

A few ships realize the attack and hoist sail; however, humpback whales chase them; one after the other, they sink.

the end

¹ Oca is the name given to the huts built by Indigenous Brazilian tribes.



Thiago Rocha Pitta (Tiradentes, 1980) iniciou sua produção artística nos anos 2000, depois de mudar-se para o Rio de Janeiro e frequentar cursos de arte, filosofia e estética na UFRJ e na EAV Parque Lage. Sua pesquisa se ancora, desde então, em relações narrativas, visuais e materiais que estabelece intimamente com a natureza – ela, de fato, é uma espécie de coautora em diversas de suas obras. Seu corpo de trabalho é ligado a um profundo fascínio pelas sutis transformações do mundo ao seu redor.

De um lado, esses temas são capturados em vídeos e fotografias de recortes micro e macroscópicos, revelando um interesse particular do artista pelos elementos pequenos e banais do domínio natural. Em muitos de seus filmes as narrativas são ora melancólicas, ora ameaçadoras, marcadas por atmosferas silenciosas e por situações quase surreais, explorando a entropia espontânea da matéria. Em “Homenagem a JMW Turner”, por exemplo, um pequeno barco pega fogo em mar aberto, representando um embate surpreendente entre as chamas e a água. De outro lado, Rocha Pitta aventura-se por variadas linguagens como aquarela e afresco – técnica milenar de pintura sobre gesso. Essas obras tentam traduzir para a linguagem pictórica as sutis (ou violentas) oscilações do clima, como o assentamento da neblina ou os temporais, além de também retratar fenômenos astronômicos, como os eclipses solares e lunares e as quedas de cometas.

Outro elemento muito recorrente em sua produção é o tempo, cuja agência e premência são também traduzidas em instalações e intervenções ao ar livre. Em “Clopen Door”, Rocha Pitta funde as palavras close e open (fechado e aberto em inglês), criando um neologismo em que os termos não são antônimos, mas sim complementares. O título é partilhado pelo vídeo e pela escultura na qual uma porta reside sobre uma grande pilha de lenha à qual se atea fogo, em referência à queima e ruína sistêmica de museus e instituições no Brasil. Outro trabalho central e de grande destaque em sua trajetória é o espelho d'água/plataforma construído sobre uma colina, que convida o público a andar sobre o reflexo do céu, vislumbrando o abismo abaixo. A instalação inspira o projeto “A Fundação Abismo”, localizada no meio da Mata Atlântica, no limite da cidade de Petrópolis, onde o artista hoje vive, mantém seu ateliê e implanta obras que interagem com a paisagem.

Thiago Rocha Pitta recebeu o Prêmio “Marcantonio Vilaça” em 2005 e o Prêmio “Open Your Mind” na Suíça, em 2009. Em 2014, participou do programa de residência artística Circulating AiR, na Noruega. Realizou diversas individuais, incluindo: “O Suplício de Cabral” (2022), Simões de Assis, São Paulo; “Noite de Abertura” (2020), MAM, Rio de Janeiro; “Hugo França & Thiago Rocha Pitta: Tropical Molecule” (2019), Galeria Marianne Boesky, Aspen; “Temporal Maps of a Non-Sedimented Land” (2015), Galeria Marianne Boesky, Nova York; “L'Eremoo e Il Campo Accampa” (2013), Gluck50, Milão; “The BAR vol.2” (2008), Arts Initiative Tokyo. Entre as coletivas notáveis que participou destacam-se “Planet B: Climate Change & the New Sublime” (2022), Palazzo Bollani, Veneza; “Passado/Futuro/Presente” (2018), Museu de Arte Moderna, São Paulo; “What's Up – The Americas” (2017), Whiteley's, Londres; 30ª Bienal de São Paulo (2012); “A Time Frame” (2006), MoMa-PS1, Nova York; “J'en Rêve” (2005), Fondation Cartier pour L'art Contemporain, Paris. Possui obras em importantes coleções particulares e públicas como MoMA, Nova York; Colección Jumex, Cidade do México; MAM, São Paulo; MAM, Rio de Janeiro; Inhotim, Brumadinho; ThyssenKrupp, Viena; e Hara Museum, Tóquio.

Thiago Rocha Pitta (Tiradentes, 1980) began his artistic production in the 2000s, after moving to Rio de Janeiro and attending courses in art, philosophy and aesthetics at Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) and EAV Parque Lage. His research has been anchored, since then, in narrative, visual, and material relationships that he intimately establishes with nature - which is, in fact, a kind of co-author in several of his works. Rocha Pitta is fascinated by the subtle transformations of the world around him.

On the one hand, these themes are captured in videos and photographs of micro and macroscopic perspectives, revealing a particular interest of the artist in the small and banal elements of the natural realm. In many of his videos, the narratives are sometimes melancholic, sometimes threatening, marked by silent atmospheres and almost surreal situations, exploring the spontaneous entropy of matter. In “Homage to JMW Turner”, for example, a small boat burns while floating in the open sea, representing a surprising clash between flames and water. On the other hand, Rocha Pitta articulates various mediums such as watercolor and fresco - an ancient technique of painting on wet plaster. These works try to translate into pictorial language the subtle (or violent) oscillations of the weather, such as the settling of fog or storms, as well as depicting astronomical phenomena, such as solar and lunar eclipses and the fall of comets.

Another recurrent element in his production is Time, whose agency and urgency are also translated into outdoor installations and interventions. In “Clopen Door”, Rocha Pitta merges the words closed and open, creating a neologism in which the terms are not antonyms, but complementary. The title is shared by the video and the sculpture in which a door resides on a large pile of firewood to which fire is set, in reference to the systemic burning and ruin of museums and institutions in Brazil. Another central and prominent work in his career is the water mirror/platform built on a hill, which invites the public to walk on the reflection of the sky, glimpsing the abyss below. The installation inspires the project “A Fundação Abismo” (The Abyss Foundation), located in the middle of the Atlantic Forest, on the edge of the city of Petrópolis, where the artist now lives, maintains his studio, and implants works that interact with the landscape.

Thiago Rocha Pitta received the “Marcantonio Vilaça” award in 2005 and the “Open Your Mind Award” in Switzerland, in 2009. In 2014, he participated in the Circulating AiR artist residency program in Norway. He has held solo exhibitions such as “O Suplício de Cabral” (2022), Simões de Assis, São Paulo; “Noite de Abertura” (2020), MAM, Rio de Janeiro; “Hugo França & Thiago Rocha Pitta: Tropical Molecule” (2019), Marianne Boesky Gallery, Aspen; “Temporal Maps of a Non-Sedimented Land” (2015), Marianne Boesky, New York; “L'Eremo e Il Campo Accampa” (2013), Gluck50, Milan; “O Campo Acampa” (2012), Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo; “The BAR vol.2” (2008), Arts Initiative Tokyo. He also participated in notable group shows, including “Planet B: Climate Change & the New Sublime” (2022), Palazzo Bollani, Venice; “Passado/Futuro/Presente” (2018), MAM, São Paulo; “What's Up – The Americas” (2017), Whiteley's, London; 30ª Biennial of São Paulo (2012); “A Time Frame” (2006), MoMa-PS1, New York; “J'en Rêve” (2005), Fondation Cartier pour L'art Contemporain, Paris. His works are part of several important private and public collections such as MoMA, New York; Colección Jumex, Mexico City; MAM, São Paulo; MAM, Rio de Janeiro; Inhotim, Brumadinho; ThyssenKrupp, Vienna; and Hara Museum, Tokyo.

SIMÕES DE ASSIS

São Paulo

rua sarandi 113a
01414-010 sp brasil
+55 11 3063-3394

Curitiba

al. carlos de carvalho 2173a
80730-200 pr brasil
+55 41 3232-2315